

## RECONFIGURAÇÕES DO “ESPAÇO NORDESTE” NA LITERATURA E NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

Doutoranda Manoela Falcon Silveira<sup>1</sup> (UFBA / IF BAIANO)

...

### Resumo:

*Trata-se de um estudo sobre a representação do Espaço Nordeste na literatura e no cinema contemporâneo, tendo como objeto a análise das narrativas fílmicas Árido Movie, do diretor Lirio Ferreira, do documentário 2000 Nordestes, dos diretores Vicente Amorim e França Mendes e da trilogia literária do escritor Antônio Torres. A reconfiguração de um nordeste brasileiro marcado pelo trânsito livre de acesso às novas tecnologias tem deslocado o significado deste espaço tão marcado por um imaginário de precariedades construído, tanto pela literatura modernista, quanto pelo cinema novo. Um olhar desconstrutor sobre a paisagem nordestina possibilita outras maneiras de apreender os modos de vida e organização social desta população, assim como as formas e noções de pertencimento habitadas na subjetividade dos indivíduos pertencentes a este espaço.*

**Palavras-chave:** Espaço Nordeste, Narrativa cinematográfica e Representação literária.

### Introdução

Quando vim da minha terra,  
Se é que vim da minha terra  
(não estou morto por lá?),  
A correnteza do rio  
Me sussurrou vagamente  
Que eu havia de quedar  
Lá donde me despedia.  
(...) Quando vim de minha terra  
Não vim, perdi-me no espaço  
Na ilusão de ter saído.  
Ai de mim, nunca saí.

(“A ilusão do migrante”, Carlos Drummond de Andrade)

O fácil acesso às novas tecnologias tem desafiado o próprio processo de compreensão das expressões espaciais da modernidade, sobretudo quando trata-se das noções que envolvem o espaço urbano e rural contemporâneo. As tênues distinções que vem demarcando estes espaços surgem como consequência de processos sociais variados.

Estes processos de transformações ocorridos e que denominamos aqui de “espaço nordeste” já não pode ser explicado por uma perspectiva puramente econômica, haja vista que esta perspectiva não é capaz de dar conta das formas e interações espaciais, portadoras de uma objetividade. E por outro lado, ao avaliarmos as explicações fundamentadas num viés econômico, podemos perceber o quanto estão distanciadas de uma reflexão sobre as relações entre cultura e espaço.

Sendo assim, acreditamos que a análise espacial do atual nordeste implica ainda numa reflexão sobre as noções de espaço, lugar, paisagem e território abordadas pela nova geografia cultural, repensando o índice de abstração expressado por estes conceitos, pois como afirma Milton Santos, “Trata-se de formular um sistema de conceitos (jamais um só conceito!) que dê conta do todo e das

partes em interação.” (SANTOS, 1999, p.93). O conceito de espaço não está livre das interferências causadas pelo fluxo cultural e midiático que vem formando a sociedade. Refletir sobre a noção de espaço tem contribuído para a compreensão das mudanças e das novas configurações estruturais do mundo contemporâneo.

Assumindo uma concepção de espaço que abarca a forma (material) e o conteúdo (social), dialogamos com uma noção de espaço que se propõe a “examinar o espaço como um texto, onde as formas são portadoras de significados e sentidos” (Gomes, 1997, p. 38).

Ao considerarmos as noções de espaço, podemos perceber que todas as narrativas analisadas neste presente trabalho potencializam a presença do “espaço rizoma” articulado por Gilles Deleuze e Félix Guatarri em *Mil Platôs*. Há um objetivo explícito em focalizar o devir rizomático nos fluxos materiais e afetivos tanto dos habitantes pertencentes ao ambiente rural representado, quanto do ambiente urbano disponibilizado na tela do documentário ou da narrativa cinematográfica.

No documentário *2000 Nordestes* vemos como o homem nordestino vive um paradoxo instigante de produção de subjetividades a partir do contato com a circulação de imagens e informações cada vez mais rápida, permitindo um amplo exercício da alteridade, mas que também viabiliza por várias vias uma determinada padronização e asfixia de sua produção subjetiva.

Seguindo este viés, analisaremos algumas cenas produzidas pelas narrativas situadas no filme *Árido Movie*, no documentário *2000 Nordestes* e na obra literária *Essa Terra*, do escritor Antônio Torres.

### **Viajando rumo a *2000 Nordestes***

Em *2000 Nordestes*, documentário dirigido por Vicente Amorim e França Mendes, temos a mostra de um filme que segue um roteiro geográfico e que mesmo sem idéias preconcebidas, ao percorrer 4.000 km e cruzar cinco Estados nordestinos (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia), revelam imagens de uma paisagem que negocia o tempo inteiro com a espetacularização pós- modernista na qual se moldam os cenários do atual “Espaço Nordeste”.

Em entrevista ao Jornal Agência Estado, França afirma que queriam “fugir de documentários sociológicos e etnográficos. Não queríamos provar nada, nem tínhamos tese a defender. Saímos apenas com um roteiro geográfico sem idéias preconcebidas”, (...) Nossa intenção principal era entrar em contato com o imaginário nordestino de hoje (...).”

E através da lente da câmera, o imaginário do nordestino “invade a tela”, em depoimentos que mobilizam os sonhos e expressam as subjetividades de indivíduos que aspiram ser artistas ou demonstram grande identificação com os ídolos que aparecem na TV. O espaço, alterado pelas relações culturais, traduz o atual problema enfrentado contemporaneamente ao se tentar definir ou estabelecer limites entre a formação identitária, o imaginário e a difusão dos meios de informação.

Ao atribuir ao documentário o conceito de “tecno-pop-impressionista”, os diretores, indiretamente, chamam a atenção do espectador para a forma como a cultura pop está disseminada no espaço nordestino, assim como as formas de apropriações culturais constantemente intensificadas naquele espaço. Nas palavras dos diretores, “(...) O nordeste é muito menos óbvio e mais pop do que se imagina, com uma capacidade de deglutir a cultura de massa de forma muito diferente da que ocorre no Rio e em São Paulo”.

Além das impressões do imaginário, o documentário focaliza a diáspora nordestina em São Paulo e no Rio de Janeiro, tema também abordado pela ficção do diretor Lirio Ferreira (em *Árido Movie*) e nas obras literárias do escritor Antônio Torres.

## Entre a literatura e o cinema: O espaço nordeste

Em “Árido Movie” os caminhos que levam à fictícia cidade de Rocha são trilhados por uma espécie de “aridez cinematográfica” que continua a revisitar e deslocar as representações do sertão no imaginário popular brasileiro. As imagens sertanejas revisitadas por várias fases do cinema brasileiro, enquanto metáfora de uma condição representativa e tradutória da crise identitária vivida num tempo de modernização acelerada, como a da pequena cidade sertaneja de Jardim das Piranhas, em “O Dragão da maldade contra o Santo guerreiro” (1969, Glauber Rocha), costumava esbarrar na construção ideológica de uma brasilidade que via a sua identidade associada a permanência da relação coronelista, relação ainda revisitada pelas imagens projetadas em “Árido Movie”, mas que agora surge com um novo olhar sobre a velha paisagem. O olhar de Jonas (Guilherme Weber), protagonista do filme, distorce as cercas e a paisagem da aridez sertaneja da cidade de Rocha. A sua visão deforma o real numa tentativa de (dê)s construção dos discursos engendrados ao longo do tempo pela tradição cultural e pelas formas de representação do espaço e da subjetividade sertaneja. Jonas olha para dentro dele mesmo e não consegue estabelecer qualquer vínculo de identificação com a cidade em que nasceu, assim como Nelo, protagonista do romance “Essa Terra”, que não se sente pertencente ao povoado do Junco (cidade do interior da Bahia, onde nasceu e cresceu o personagem), nem à grande São Paulo, nos dois casos, percebemos como o sentimento de desterritorialização habita o interior dos protagonistas da narrativa fílmica e literária.

Nestor Garcia Canclini, em *Consumidores e Cidadãos*, afirma que:

(...) as identidades pós-modernas são transterritoriais e multiliguísticas. Estruturam-se menos pela lógica dos estados do que pela dos mercados; em vez de basearem-se nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam através de interações próximas, operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferido e segmentado de bens. A clássica definição socioespacial de identidade, referida a um território particular, precisa ser complementada com uma definição sociocomunicacional. Tal reformulação teórica deveria significar, no nível das políticas “identitárias” (ou culturais), que estas, além de se ocuparem do patrimônio histórico, desenvolveram estratégias a respeito dos cenários informacionais e comunicacionais onde também se configuram e renovam as identidades. (CANCLINI, 1996, p.35)

Dessa forma também estrutura-se a narrativa desenvolvida em *Essa terra*, romance do escritor Antônio Torres, que esconde, através do simbolismo do deslocamento da viagem (A ida/ O retorno), a marca de uma partida fundada através da identificação com “os outros” (os estrangeiros os homens do banco), enquanto o retorno refletiria um sentimento de não reconhecimento, de não pertencimento a lugar algum, desestabilizando o sujeito que não sabe ou não aprendeu a lidar com as circunstâncias impostas pelo nomadismo vivido.

Na partida, há a emergência de um sujeito que vive a negação de uma narrativa originária para investir na “projeção de um reflexo narcísico do Um no Outro”, revelando aquilo que BHABHA (1998, p.85) denomina de duplicação da identidade, processo que segundo o autor, só é atingido pela negação de uma narrativa originária de realização, alcançada pelo processo psicanalítico de identificação fundado no desejo.

Nesse sentido, o desejo de migrar para uma terra desconhecida em busca de uma melhor qualidade de vida torna-se realizável através da negação da origem, através do sentimento de não pertencimento ao povoado do Junco, marcado, conseqüentemente, pelo processo de duplicação da identidade.

Desde o início da narrativa de *Essa Terra*, pode-se verificar como o processo de duplicação da identidade influencia tanto o autor, que também viveu a experiência diaspórica, como os

personagens criados por ele. Essa Terra poderia perfeitamente ser considerado um romance de autoficção por narrar a precariedade e o desconforto do autor, que coincide, em certo sentido, com o desconforto do personagem submerso na parafernália apresentada pela modernidade da cidade paulistana. Torres traduz de forma instigante as inquietações ligadas aos problemas de natureza identitária, surgidos pela convivência do eu com o estranho outro.

## **Conclusão**

Tanto nos romances como nos filmes analisados, as identidades fragmentadas ou “transterritoriais”, como considera Canclini (1996), são retratadas através da exemplificação de como os indivíduos não só entrecruzam suas identidades diante do contato com outras culturas, mas levam a sua territorialidade reproduzindo-as em outros locais. Percebe-se que esse processo não afirma a formação de uma identidade a - territorial, nem que as identidades territoriais estão desaparecendo, mas sim, se reformulando.

## **Referências Bibliográficas**

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila e Eliana Lourenço de Lima. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Peza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2000

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17 ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

HALL, Stuart. *Identidade cultural*. Tradução Vanderli Silva. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina/SEC, 1999.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1963.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Filmografia:

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

2000 NORDESTES

ÁRIDO MOVIE

**i Manoela Falcón, Prof. Ms. Em Literatura e Diversidade Cultural/UEFS, Doutoranda em Literatura e Cultura/UFBA)**

Universidade Federal da Bahia (UFBA)e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)

Departamento de Letras

E-mail: [manoela.falcon@catu.ifbaiano.edu.br](mailto:manoela.falcon@catu.ifbaiano.edu.br)